

# A produção da notícia e a emergência do acontecimento na circulação midiaticizada

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

## Resumo:

Analizamos como o jornalismo das televisões argentinas C5N, LN+ e TN, introduziu o Caso da Cocaína de *Puerta 8* na circulação midiaticizada. Articulamos dois eixos: o indicial – que envolve um objeto e afeta um sujeito numa ação – e o do sentido ou simbólico – que expressa a relação entre conceito e estratégia. Assumimos que o jornalismo apreende os acontecimentos em sua singularidade (Genro Filho, 1987) e que os acontecimentos são diferenças que irrompem na vida ordinária e possuem uma dupla vida: como fato e como narrativa (Quéré, 2006/5; 2011). Neste contexto, a notícia é o produto jornalístico das operações de reconhecimento e de produção (Verón, 1993; 2004; 2014) sobre os acontecimentos. Concluimos que os três telejornais operam de modo semelhante, tomando o caso em sua singularidade e, simultaneamente, enquadrando-o num contexto de sentidos de tal modo que, ao passo em que, no discurso, referem o acontecimento em sua indicialidade, como informação, também conformam os seus sentidos, como narrativa, introduzindo-o na circulação midiaticizada.

Palavras-chave: Jornalismo. Fato. Narrativa.

## The production of news and the emergence of the event in the mediaticized circulation

### Abstract:

We analyzed how Argentinian television channels C5N, LN+ and TN journalism introduced the Cocaine Case of *Puerta 8* into mediaticized circulation. We articulate two axes: the indicial – which involves an object and affects a subject in an action – and the meaning or symbolic – which expresses the relationship between concept and strategy. We assume that journalism apprehends events in their singularity (Genro Filho, 1987) and that events are differences that erupt in ordinary life and have a double life: as fact and as narrative (Quéré, 2006/5; 2011). In this context, news is the journalistic product of recognition and production operations (Verón, 1993; 2004; 2014) on events. We conclude that the three news programs operate in a similar way, taking the Case in its singularity and, simultaneously, framing it in a context of meanings in such a way that, while in the speech, they refer to the event in its indiciality, as information, also conform their senses, as narrative, introducing it into the mediaticized circulation.

Keywords: Journalism. Fact. Narrative.

DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2023.92334>

Recebido em: 25.12.22  
Aprovado em: 03.01.24

Ricardo Zimmermann  
Fiegenbaum

Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação/Unisinos. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo/Unisinos e bacharel em Teologia/Escola Superior de Teologia. Graduando Filosofia/Universidade do Sul de Santa Catarina. Docente Curso de Jornalismo/UFPEL.

E-mail: [ricardozifi@gmail.com](mailto:ricardozifi@gmail.com)

Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 20, n. 2, jul./dez. 2023 - ISSN 1984-6924



## Introdução

Este artigo visa analisar como, a partir de uma leitura singular, o jornalismo produz a notícia e introduz o acontecimento na circulação midiaticizada. Trata das operações de reconhecimento e de produção que articulam, na notícia, as práticas sociais do cotidiano e as práticas discursivas jornalísticas. A nossa análise recai sobre as notícias veiculadas na televisão argentina sobre Caso da Cocaína de *Puerta 8*, o acontecimento que resultou na morte de 24 pessoas e mais de 80 hospitalizações por consumo de cocaína que continha carfentanilo (um opioide para anestesiá-los animais de grande porte). O caso ocorreu em 2 de fevereiro de 2022 e teve como epicentro a localidade de *Puerta 8*, no município de *Tres de Febrero*, Província de Buenos Aires, onde a droga foi adquirida. Neste texto vamos analisar as três primeiras notícias veiculadas naquele dia pelas TVs argentinas *Canal 5 Noticias* (daqui em diante apenas *C5N*), às 11h28min; *La Nación Más* (daqui em diante apenas *LN+*), às 12h05min; e *Todo Noticias* (daqui em diante apenas *TN*), às 13h08min. *C5N* é um canal de televisão aberta de propriedade do *Grupo Indalo*. *LN+* também é um canal de televisão aberta, mas de propriedade do diário *La Nación*. E *TN* é um canal de televisão por assinatura que pertence ao *Grupo Clarín*. Os três canais são dedicados prioritariamente à veiculação de notícias e suas análises.

Nossa abordagem relaciona dois eixos em torno dos quais o jornalismo articula dialeticamente a produção das notícias: um indicial e outro de sentido ou simbólico. Estes eixos, definidos a partir da semiótica de Peirce, se relacionam com o que Quéré (2011) denomina como a dupla vida do acontecimento: o fato e a narrativa. Nossa hipótese considera que o fato tem um caráter indicial e expressa uma ação ou prática social, uma força bruta a espera de ser compreendida, que irrompe num tempo e lugar definidos e que implica um objeto e afeta um sujeito, portanto, responde às perguntas do lide jornalístico “Quem?”, “O quê?”, “Quando?” e “Onde?”. A narrativa é o modo como os fatos são amarrados num enredo significativo, conceitual e estratégico, ou seja, o modo como a individualidade de um acontecimento, de acordo com Ricoeur (2002), é relacionada com o enredo do qual ele (o acontecimento) faz parte e para o qual contribui. Resende (2005) define a narrativa como uma forma de representação coletiva, como um elemento que cria e recria sociabilidades, como práticas comunicativas sociais que definitivamente contribuem, na sociedade mediaticizada, para o alargamento dos horizontes de experiência (Resende, 2005, p. 88). No entanto, o poder hermenêutico do acontecimento não se limita à narrativa. “O acontecimento tem a capacidade de criar e amarrar situações, e uma situação tem uma estrutura de enredo, independentemente do seu enquadramento na narrativa” (Quéré, 2006/5, p. 187, tradução nossa).

Como ponto de partida, buscamos demonstrar os nexos entre acontecimento e notícia. Em seguida, discutimos o jornalismo em sua especificidade, situando a produção discursiva jornalística como resultado de uma leitura dos fatos que envia o acontecimento para a circulação midiaticizada. É a partir desta perspectiva que analisamos as operações de produção e de reconhecimento que os noticiários das TVs argentinas realizaram para noticiar o Caso da Cocaína de *Puerta 8*.

## Acontecimento e notícia

Para além do caráter jornalístico, que seleciona, por meio de critérios editoriais a globalização que se segue ao processo histórico de desenvolvimento do capitalismo e a conseqüente interdependência das sociedades aumentou a necessidade de informações de tal modo que os acontecimentos, antes isolados e restritos a uma realidade, passaram a interessar a todo o mundo. É esta necessidade que, segundo Genro Filho (1987) faz surgir o jornalismo informativo e o mantém (pelo

menos até há bem pouco tempo) como o principal fornecedor das informações que as sociedades demandam.

Nesse contexto, para Ferreira (2002), o jornalismo seria simultaneamente um campo social e um campo de significações, em que a notícia é o produto de operações de seleção dos acontecimentos e de construção da informação. De fato, a notícia é a principal obra do jornalismo, em torno da qual se articulam todas as demais produções que compõem o seu fazer. Por isso os estudos enfatizam as condições produtivas, descrevendo processos e critérios empregados, bem como os condicionamentos que se interpõem na definição do que será noticiado, como será noticiado e quais seus efeitos na sociedade (Traquina, 2002; Sousa, 2005). O trabalho jornalístico é submetido a categorias de noticiabilidade, muitas das quais com um referencial bastante largo, além de outras forças que condicionam esta prática, como os próprios dispositivos midiáticos (Ferreira, 2002). Compreender o modo como o jornalismo se insere na circulação midiática implica pensá-lo, portanto, a partir da notícia.

De acordo com Sousa (2005), a tradição de diferentes estudos sobre o campo jornalístico aponta para dois aspectos complementares na definição de notícia: as condições de sua produção e seus efeitos. Na primeira, convergem forças pessoais, sociais, ideológicas, culturais e históricas, e os dispositivos utilizados. Quanto aos efeitos, eles se projetam sobre as sociedades, interferindo sobre conhecimentos, afetos e comportamentos (Sousa, 2005). Nesse sentido, a notícia é

um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia [sic] (Sousa, 2005. p. 75).

Esta definição sistematiza os fatores que afetam a produção noticiosa constituindo-se no coração da Teoria Multifactorial da Notícia, como Sousa a designa em sua proposta. Contudo, parece-nos que a questão central que concerne à peculiaridade e especificidade desta produção discursiva não é tocada. Em geral, aspectos da realidade são referenciados em diferentes narrativas, assim como circulam em meios jornalísticos diferentes discursos. Resende (2009, p. 34) assinala que o ato de narrar “deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive. E esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece”. Ademais, não há suficiente clareza sobre o que seriam “meios jornalísticos”, e a notícia pode circular em quaisquer dispositivos. Apesar disso, podemos destacar na definição acima três pontos a considerar em nosso estudo. Trata-se das afirmações de que (a) a notícia se constitui como uma narrativa (“um artefato linguístico”) que (b) cuja informação tem um sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural”; e (c) que a atribuição última de sentido depende da recepção. Tratemos primeiro das afirmações (a) e (b), tomando-as em relação com o conceito de acontecimento e numa perspectiva semiótica. Depois, à luz da perspectiva da circulação midiática (Verón, 1993; 2004; 2014), abordaremos a terceira afirmação (c).

### Fato e narrativa no jornalismo

Assumindo-se que a vida cotidiana é ordinária no sentido de uma normalidade que transcorre sob uma certa previsibilidade, como ordem, como *habitus* (Lana; França, 2008), o acontecimento se inscreve como uma ruptura deste fluxo, que nos afeta, positiva ou negativamente, produzindo uma diferença nesta “normalidade”. O acontecimento irrompe e levanta questões, nos interroga. Em decorrência disso, fa-

z-nos contemplar o passado, para buscar suas causas ou para lançar luz sobre o que passou, e também dirige nosso olhar para o que virá, inferindo suas consequências ou nos mobilizando para agir. Acontecimentos são, assim, num primeiro momento, “fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença. Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática)” (França, 2012, p. 14), tornando a sua ocorrência no presente uma convocação a nos posicionarmos sobre o passado e o futuro.

Quéré (2006/5) define esta dimensão factual como a primeira vida do acontecimento. Como fato, ele é apreendido em nosso quadro de referências, ou seja, passamos a distinguir o que aconteceu, a quem afetou, quando e onde transcorreu. Ele se apresenta como uma informação compreensível num determinado contexto e num dado tempo histórico. Um acontecimento como o Caso da Cocaína de *Puerta 8* irrompe como singularidade no cotidiano. É inesperado e inédito e, por isso, mobiliza o jornalismo para acompanhá-lo em seu desenrolar, alertando para o seu caráter urgente e de atenção e buscando enquadrá-lo num marco de referências que permita a sua compreensão. Este quadro de referências é ancorado na singularidade que se expressa nos enunciados que evidenciam a relação “mortes e drogas alteradas” nas três emissoras de TV:

S1: Alerta en C5N! Son cuatro los muertos por consumo de estupefacientes alterados (C5N, 2 de fevereiro de 2022).

S2: Urgente en La Nación Más: son cinco los fallecidos por consumir droga envenenada (LN+, 2 de fevereiro de 2022).

S3: TN URGENTE: Siete muertos por cocaína envenenada (TN, 2 de fevereiro de 2022).

Simultaneamente, o acontecimento também nos leva a falar. Esta fala sobre o acontecimento é sua segunda vida e se situa na ordem do simbólico. Com base em Quéré, França (2012, p. 14) afirma que a primeira vida dos acontecimentos é da ordem do existencial:

trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico.

O acontecimento surge, assim, como uma afetação, uma diferença que provoca diferença, uma singularidade que se manifesta “na muda coexistência de particularidade e universalidade que caracteriza a vida cotidiana” (Heller, 2002, p. 36, tradução nossa), que solicita nossa compreensão e nos impulsiona para o sentido. Assim, considerando a diferença entre a primeira e a segunda vida do acontecimento e a importância dos fatos para o jornalismo, a questão que se coloca é como estas duas dimensões – fato e narrativa – se relacionam na notícia.

Vamos considerar, com Genro Filho (1987), que a especificidade do jornalismo está na sua capacidade de capturar um evento pelo ângulo da singularidade. O singular, segundo o autor, é “a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados” (Genro Filho, 1987, p. 164). Assim, o acontecimento capturado em sua singularidade pelo jornalismo é o que constitui o fato como jornalístico. Os fatos jornalísticos são o objeto das notícias, a menor unidade de significação. Eles são um recorte no contínuo da totalidade da vida ordinária com base numa escolha arbitrária e neste processo já inscreve o acontecimento nos códigos da narrativa na medida em que o apreende na dimensão da linguagem. Mas “essa escolha está delimitada pela matéria objetiva, ou seja, por uma substância histórica e socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo” (Genro Filho, 1987, p. 184-185). Esta matéria objetiva, em nosso entender, é aquilo que Quéré define como a primeira vida do acontecimento.

Um fato social, enquanto realidade objetiva, é um fenômeno emergente: procede de uma operação de individualização que o separa, circunscreve, estrutura, totaliza dando-lhe uma unidade e uma coerência internas, dota-o de uma identidade e de uma significação. A individualidade que daí resulta é duplamente relativa: é relativa a um ato de configuração (implicando métodos e operadores) e é relativa a um contexto ou a um ponto de vista (Queré, 2006/5, p. 187, tradução nossa).

Ademais, concordamos com Genro Filho quanto ao caráter eletivo da atividade jornalística, independente do tipo de acontecimento, e quanto à ideia de que o objeto da notícia – o seu referente – é uma unidade de significação. De todos os acontecimentos que irrompem na vida ordinária apenas alguns são selecionados como notícia (por razões que as teorias do jornalismo buscam explicar). E todo acontecimento é primeiramente apreendido em um quadro de referências que nos possibilita conhecê-lo e identificá-lo como algo que se relaciona a alguém, em um certo tempo e lugar.

O fato tem, assim, um caráter indicial, porque como índice “está em conexão dinâmica com o objeto individual, de um lado e com os sentidos e a memória da pessoa para quem serve de signo, por outro lado” (Peirce, 1931-1958, § 2.305, tradução nossa). O índice responde à categoria da Secundidade na semiótica de Peirce e pressupõe em sua definição “uma necessidade incondicional, i.e. força sem lei nem razão, força bruta” (Peirce, 1931-1958, § 1.427). Cardoso (2012, p. 167) assinala que a Secundidade “relaciona-se à realidade enquanto composta de ‘fatos brutos’ e, logo, a um tipo de existência depurada de todo pensamento”. Peirce (1931-1958, § 1.324) chama a isso de “faticidade do concreto”. Para o semiólogo, sem seu objeto, o índice “perderia imediatamente o caráter que faz dele um signo [...] mas não perderia este caráter se não tivesse um interpretante”. Tomando nosso caso como referência, podemos exemplificar mostrando que a hospitalização de drogaditos é signo de uma intoxicação por consumo de drogas. Pois sem a intoxicação não haveria hospitalização; mas há a hospitalização, quer alguém tenha a ideia de atribuí-lo à intoxicação por consumo de drogas ou não.

Se o fato é índice, a narrativa que lhe corresponde é, assim, o signo em sua terceiridade nos termos de Peirce; a segunda vida do acontecimento na definição de Queré. Isso significa dizer, então, que o discurso jornalístico que reporta um fato se constitui, de uma parte, de um núcleo informativo básico – indicial (o fato) – que inscreve o acontecimento como notícia (narrativa), obedecendo certas condições e gramáticas produtivas que identificam este discurso como produto jornalístico, e, de outra parte, uma produção de sentido que é posta em circulação em dispositivos midiáticos.

Neste ponto, parece-nos suficientemente claro que a notícia não só é uma produção discursiva do jornalismo – “um artefato linguístico” como expresso acima por Sousa – mas, também, um discurso que oferece informação compreensível – dada sua relação com os fatos. E mais do que isso, ao constituir o fato jornalístico, este discurso já elabora uma narrativa para dar sentido ao acontecimento, ainda que, em última análise, esta oferta de sentido não se realize na recepção tal como preconizado na produção, uma vez que produção e reconhecimento se constituem sob condições e gramáticas diferentes, o que torna os sentidos o resultado de uma negociação, como sustentamos a seguir.

### **Circulação mediatizada**

Como já assinalamos, o jornalismo surge como atividade para atender à necessidade de informação das sociedades globalizadas, de informação compreensível sobre os acontecimentos do mundo. Mas isso não significa que para conhecermos a realidade dependamos do jornalismo. Na verdade, de acordo com Verón (1993), aquilo que se define como real é resultado de um trabalho de interpretação em que os atores, em produção e recepção, negociam os sentidos. Trata-se, portanto, de conhecimento

que se constitui na circulação discursiva na sociedade em que o jornalismo é um ator específico entre múltiplos. Assim, a construção social do real se estabelece discursivamente a partir de um emaranhado de discursos que são apropriados infinitamente por meio de uma produção histórica e colaborativa de sentido (Verón, 1993).

Há uma assimetria entre emissão e recepção, ou seja, um desajuste entre esses dois níveis em que “as intenções entre A e B não se efetivam de modo contínuo e em termos automáticos” (Fausto Neto, 2016, p. 63). Isto é, aquilo que se comunica a alguém não é necessariamente entendido como preconizado na emissão. Quem recebe realiza um trabalho de interpretação para, enfim, dar sentido àquela mensagem. Essa defasagem é própria dos processos de comunicação em qualquer nível, mas muito mais complexa nos processos midiáticos, em que a distância entre produção e recepção é ampliada por causa dos dispositivos midiáticos (Verón, 1986). Para Carlón (2020), esta complexidade leva a uma hiper-midiatização, em que os atores passam da recepção a estar tanto em produção como em reconhecimento. Neste sentido, na circulação midiaticizada, os dispositivos midiáticos atuam como organizadores e dinamizadores das interações entre e intra sistemas sociais e socioindividuais, como define Verón (2014), produzindo, assim, a semiose social. É na defasagem entre produção e reconhecimento que se estabelece a condição necessária para a produção dos sentidos na medida em que as relações discursivas produzidas no âmbito daqueles dois pólos operam umas sobre as outras. Essa defasagem também ocorre entre o jornalista e a fonte.

Supondo que o jornalismo não produza o próprio fato que notícia, ao referenciar um acontecimento ele necessita das informações que obtém das fontes. Esta relação do jornalista com as fontes se caracteriza, nos termos acima, também como um processo de interação entre produção e reconhecimento, mas de sinal trocado em relação ao jornalismo. Na apuração da notícia, é o jornalismo que ocupa a posição de recepção na medida em que são os agentes afetados pelo acontecimento que produzem as informações com as quais o jornalista poderá, enfim, produzir a notícia. Antes de produzir a notícia, portanto, o jornalismo reconhece um discurso que o informa sobre o acontecido.

Assim, do mesmo modo que o acontecimento tem uma dupla vida, a notícia reconstitui o acontecimento a partir de uma dupla operação que implica o reconhecimento e a produção. De um lado captura o fato, identificando-o como uma diferença no fluxo ordenado do mundo, como indício de que algo aconteceu a alguém, num tempo e lugar específicos. Esta operação remete ao fato e aponta para seu caráter indicial, organizando discursivamente a relação sujeito-objeto-ação. A segunda operação consiste na elaboração da narrativa que encaminha o acontecimento para um sentido. Esta operação remete à categoria da terceiridade, pois qualifica e conceitua o acontecimento e põe em funcionamento as estratégias para sua inserção na circulação, visando reduzir as incertezas que ele provoca para reconduzi-lo interpretado no mundo da vida. A isto denominamos de operação simbólica que articula o par conceito-estratégia. É com estas categorias, inspiradas na obra *Arqueologia do Saber*, de Foucault, que vamos examinar como o jornalismo introduz o Caso da Cocaína de *Puerta 8* na circulação midiaticizada.

Em nossa perspectiva, portanto, há na notícia um componente indiciário que possibilita a transação necessária e possível para que um acontecimento seja recepcionado como tal – compreensível por qualquer pessoa ou instituição – dentro de um quadro de referências comum (dado por uma determinada existência histórica). Mas é no campo da interpretação do acontecimento que a defasagem entre produção e reconhecimento se mostra mais crítica, porque é onde as duas gramáticas são mais afetadas pelas condições que as regem. Verón (2004, p. 41, tradução nossa) assinala que “[...] uma gramática de produção ou gramática de recepção tem a forma de conjuntos complexos de regras que descrevem operações [...] que permitem definir ora as condições de produção, ora os resultados de uma determinada leitura”.

Isso significa dizer que, por mais que essas gramáticas preconizem modos de apropriação do sentido, a defasagem que existe entre produção e recepção implicará num trabalho de produção de sentidos que permanece indeterminado.

Desta maneira o jornalismo se insere na teia discursiva, simultaneamente, a) como uma instância em reconhecimento que lê os acontecimentos, destacando a sua singularidade e singularizando-os entre tantos, apreendendo o fato; e b) como um produtor de sentido, que realiza a inserção desta singularidade no particular-universal da vida cotidiana. A notícia é, assim, a articulação destas duas posições em que o fato e a narrativa se combinam para compor o discurso jornalístico da informação. Esta articulação tem como efeito o apagamento da distinção entre o que é fato e o que é sua interpretação.

## A Cocaína de Puerta 8 na TV

Se distinguimos acima as operações indiciais em torno do acontecimento (sujeito-objeto-ação) e as operações de sentido (conceitos-estratégias) foi para fins analíticos, pois entendemos que de fato ambas estão imbricadas no texto em dialética afetação, o que significa dizer que todo o processo de produção da notícia está submetido a uma ordem de sentido.

A seleção das sequências discursivas analisadas contemplou o momento inaugural em que o caso começou a ser noticiado e visou atender também aos critérios de diversidade editorial e homogeneidade de dispositivos jornalísticos. Assim, a escolha das três emissoras foi consequência destes critérios, e o corpus composto da primeira notícia de cada televisão. Optamos por analisar apenas o texto oral dos noticiários, desconsiderando outros aspectos que compõem o discurso audiovisual, porque naquele momento as TVs ainda não dispunham de imagens do acontecimento. Por isso, as informações foram transmitidas pelos integrantes da bancada dos telejornais, com no máximo um repórter em *stand up* fora do estúdio, numa dinâmica muito semelhante ao noticiário radiofônico. Isto posto, tratemos de demonstrar a seguir o funcionamento destas operações nas notícias das TVs.

A partir da irrupção do acontecimento, os telejornais buscam enquadrá-lo, apresentando as informações de que dispunham até aquele momento. Trazem para o noticiário as ações, os protagonistas e seus objetos, introduzindo o fato na circulação a partir de seus indícios. Esta apreensão dos fatos a partir de seus indícios, porém, é realizada por todos aqueles que são afetados por ele: as vítimas e seus familiares, os profissionais da saúde, os agentes de segurança, etc., já no transcurso do acontecimento e antes mesmo de o jornalismo noticiá-lo. Por isso, as informações que os noticiários ofertam são ancoradas em entendimentos prévios, resultam de uma leitura que o jornalismo faz destes discursos, mas a partir da singularidade, como observamos nas sequências a seguir:

S4: Esto es lo que *dijo uno de los sobrevivientes* [...] esto alarmó a *las autoridades sanitarias* primero, que deram un aviso a la *policía* y que *ya interviene* (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S5: *Una de las personas que se encuentra estable dio como dato* a los efectivos que habían comprado la droga a algunos de ellos (C5N, 2022, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S6: *el fiscal* Ezequiel Lovillo *dispuso* que se inicie una averiguación por causales de muerte (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S7: Recién *hablaba con uno de los responsables de la investigación* (LN+, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S8: En principio nosotros *hablamos con los investigadores* (TN, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Estas fontes produzem os dados a partir dos quais as TVs leem os fatos e informam sobre o lugar da ocorrência, o número de vítimas, sua idade, o que aconteceu e quando, e qual é a situação do momento.

S9: *Cuatro personas murieron por aparente consumo de cocaína*. Habían comprado en una zona de emergencia en el partido de Tres de Febrero [...] hay otras seis personas que están internadas en el Hospital San Bernardino de Hurlingham. [...] al menos 16 personas intoxicadas (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S10: Los muertos, tienen entre 33 y 45 y hay tres personas con los mismos síntomas [...] que se encuentran intubados en estado reservado (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S11: cinco muertos por consumir droga envenenada. Los intoxicados fallecieron, cuatro en el hospital San Bernardino de Hurlingham, el quinto [...] falleció en el Hospital Bocalandro (LN+, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S12: son siete ya los muertos [...]. Hay doce personas que están internadas en grave estado.

S13: salió un comunicado de la Fiscalía General de San Martín, que está investigando las siete muertes y 12 internaciones, donde alerta a la población de la alta toxicidad de la cocaína hallada en las personas que fueron internadas y en los fallecidos (TN, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Estas informações dão conta do fato e o enquadram na singularidade que o constitui, como o acontecimento em sua primeira vida. Mas o noticiário também se abre para um arco de indeterminações em direção à segunda vida do acontecimento – a narrativa, em que apresentam os conceitos (juízos) que se articulam com certos modos estratégicos de enquadramento. Busca as explicações no passado e projeta os desdobramentos, como vemos a seguir:

S14: Sabemos que la droga mata, sabemos lo que significa y lo que trae el consumo de drogas (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S15: Aparentemente esta droga fue comprada en horas de la tarde, tardecita del día de ayer (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S16: Está todo en materia de investigación. No recuerdo haber hablado en otras oportunidades (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S17: todavía es incierto la cantidad de víctimas fatales que puede llegar a haber (C5N, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S18: No estamos hablando de drogas de mala calidad, no, estamos hablando de drogas que hacen más daño del que hace la droga. Ellos aclararon sino que estamos hablando de droga envenenada directamente (LN+, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S19: hemos escuchado muchas veces esto de la droga mata pero en este caso es literal (TN, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S20: aparentemente no sabemos si por una guerra de bandas o alguna cuestión en su fabricación pero está matando gente (TN, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Nas sequências acima, evidencia-se a forma como os jornalistas incorporam na notícia as suas referências interpretativas dos fatos (a droga mata, causa dano – S14; S18; S19) e reverberam o que já circula como um saber constituído socialmente. Contudo, estas mortes ainda não têm explicação, porque nelas há uma singularidade que o jornalismo captura como fato, mas ainda não apreende seu sentido. Por isso, faz coro às indeterminações das fontes em relação ao que provocou o acontecimento (S20) e as suas consequências – o passado e o futuro ainda incompreendidos (“aparentemente”, em S14; “es incierto”, em S17; “no sabemos”, em S20). E diante do ainda sem sentido externam a perplexidade sobre o que não tem memória nem antecedentes (S16). No entanto, mesmo assim buscam em acontecimentos passados algum parâmetro que possa dar sentido ao presente, como a referência ao caso *Time Warp* (a morte de cinco jovens por consumo de droga sintética durante o festival de música eletrônica *Time Warp*, que ocorreu em 16 de abril de 2016, no prédio de Costa Salguero, na Cidade Autônoma de Buenos Aires), como nas sequências abaixo:

S21: en que se diferencia, por ejemplo, con los de *Time Warp*, Gustavo? (LN+, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

S22: esto es por supuesto muy complejo y me acuerdo de lo que había pasado por ejemplo en *Time Warp* (TN, 2 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Observamos acima que há, desde logo, uma tentativa de estabelecer relações com um outro acontecimento, já acomodado na particularidade cotidiana do consumo de entorpecentes, para dar sentido ao acontecimento presente. Mas este sentido ainda não está estabilizado nem mesmo para o jornalismo, porque o acontecimento ainda se encontra em seu acontecer. Por isso, os alertas, as urgências, as adjetivações, a perplexidade, as ponderações, os advérbios de intensidade, as incertezas e, principalmente, a variação na designação sobre o acontecimento como um caso de consumo de “*estupefacientes alterados*”, “*cocaína envenenada*”, “*droga em mal estado*”, “*supuesta droga envenenada*”, na definição de C5N (2 de fevereiro de 2022); ou de “*droga envenenada*”, “*droga contaminada*”, “*cocaína cortada con veneno*”, conforme LN+ (2 de fevereiro de 2022); ou ainda, “*cocaína envenenada*”, “*cocaína tóxica*”, “*cocaína de alta toxicidad*”, “*cocaína aparentemente adulterada*”, “*cocaína adulterada*”, “*droga adulterada*”, nos termos de TN (2 de fevereiro de 2022).

Em C5N (2 de fevereiro de 2022), que é quem primeiro noticia e quem está, por isso, mais próximo temporalmente do fato, há um grande número de classificações para o acontecimento: “*Es terrible esta historia*”; “*Esto es gravísimo*”; “*Impresionante realmente*”; “*es una situación gravísima*”. Já em LN+ e TN, a adjetivação se resume a duas expressões em cada qual: “*Locura*” e “*Tremendo*” (LN+, 2 de fevereiro de 2022), e “*Muy complejo*” e “*Tremendo*” (TN, 2 de fevereiro de 2022). Em qualquer das emissoras, no entanto, estas expressões na voz dos seus jornalistas expõem o espanto diante de um acontecimento que ainda não encontrou sua narrativa de sentido, mas para o qual o jornalismo já começa a buscar os termos que o possam definir.

Observamos, assim, que as três televisões articulam estratégias semelhantes para a produção da notícia, realizando cada qual sua própria leitura do que é dito pelas fontes. Tomam o acontecimento em sua singularidade a partir do fato que se apresenta como indicial: o que aconteceu a quem, quando e onde. Isto está posto nas chamadas dos telejornais (S1; S2 e S3) e vai sendo completado no corpo das notícias. Simultaneamente, porém, os telejornais enquadram o acontecimento num contexto de sentidos em que os juízos e as avaliações o situam em sua segunda vida, como narrativa, qualificando o fato a partir da escolha de suas designações e adjetivações. Nesse sentido, ao passo que informam, os telejornais conformam os sentidos que serão postos na circulação midiaticizada.

## Considerações

Há acontecimentos – como o Caso da Cocaína de *Puerta 8* – que transcendem o cotidiano particular de um indivíduo ou de um grupo e se projetam sobre a sociedade. Alguns destes acontecimentos são selecionados pelo jornalismo para atender a necessidade de informação das pessoas. Em sua especificidade, o jornalismo, captura o acontecimento a partir de uma leitura que ele faz do que dizem as fontes envolvidas no fato. Obtém daí, os dados indiciais que servem à necessidade informativa: do que se trata, a quem afeta, quais as causas e os desdobramentos. Depois, busca a estabilização do sentido, formulando hipóteses, relacionando com acontecimentos passados, indicando providências futuras. Neste processo, vai destituindo o acontecimento de sua historicidade e particularidade para encerrá-lo não mais como prática social apenas, mas já como resultado de um discurso posto em circulação – o discurso da informação.

No caso da Cocaína de *Puerta 8*, o acontecimento é noticiado ainda em seu processo de acontecer. Neste sentido, as notícias reproduzem as incertezas que o próprio acontecimento provoca. Por isso, neste primeiro momento do noticiário, a indeterminação do seu sentido é bastante forte na narrativa jornalística. No entanto, já no transcurso entre a primeira notícia em C5N (2 de fevereiro de 2022), às 11h28min e a terceira em TN (2 de fevereiro de 2022), às 13h08min, observamos que, na medida em que há mais informações, ocorre uma diminuição da perple-

xidade jornalística em torno do caso. Neste contexto, ainda que permaneçam as indeterminações do sentido, há o surgimento de hipóteses que, a partir das fontes, direcionam a produção da notícia para uma explicação que, nas próximas horas e dias, dará sentido ao acontecimento. Para o jornalismo, no entanto, assim que o sentido se estabiliza, quando as tensões se resolvem e o real está de novo normalizado, o acontecimento deixa a singularidade que o constituiu e se torna mais uma particularidade da história que será ressignificada toda vez que um novo episódio singular romper o curso da cotidianidade, como, aliás, observamos na relação do nosso caso com a tragédia de *Time Warp*.

Neste artigo, sustentamos que a notícia é o resultado de um trabalho jornalístico que vai da dialética produção-reconhecimento sobre o extraordinário e incerto de um acontecimento em direção à produção de seu sentido e da sua integração na vida ordinária. Simultaneamente, porém, podemos inferir que a notícia se abre para um horizonte de interpretações, inserida como produto jornalístico na circulação midiática. Ali, atores e instituições negociam os sentidos, segundo suas próprias condições de produção e reconhecimento e o inserem novamente na rede interdiscursiva midiática, remanescendo ali como uma possibilidade de leituras e produções que levam a singularidade do acontecimento a encontrar os seus sentidos: tema para outra produção.

## Referências

CANAL 5 NOTÍCIAS. **Hurlingham**: cuatro personas murieron por aparente consumo de droga en mal estado. YouTube, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbIwfUx-KwQ>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CARDOSO, M. J. Peirce, Lacan e a questão do signo indicial. *Ágora*, Rio de Janeiro v. XV, n. 1, p. 165-178, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000100011>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CARLÓN, M. **Circulación del sentido y construcción de colectivos**: en una sociedad hipermediatizada. San Luis: Nueva Editorial Universitaria, 2020.

FAUSTO NETO, A. O conceito de recepção na obra de Eliseo Verón: 1968–2013. *Galáxia*, São Paulo, n. 33, p. 63-76, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016227957>. Acesso em: 23 dez. 2022.

FERREIRA, J. Dispositivos discursivos e o campo do jornalismo. *C-Legenda*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-11, 2002(3), Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36819/21394>. Acesso em: 23 dez. 2022.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, São Paulo, n. 24, p. 10-21, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>. Acesso em: 23 dez. 2022.

GENRO FILHO, A. . **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 2002.

LA NACIÓN MÁS. **Cinco muertos por consumir droga adulterada**. YouTube, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mfj-v0m6lZM>. Acesso em: 23 dez. 2022.

LANA, L. C. C.; FRANÇA, . O. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós**, Brasília, v. 11, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/303/297>. Acesso em: 23 dez. 2022.

PEIRCE, C. S. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. 1-8 v 8 v.. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

QUÉRÉ, L. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa, vol. 10, p. 13-37, 2011. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/6050/1/Louis%20Quere.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2022.

QUÉRÉ, L. Entre fait et sens, la dualité de l'événement. **Réseaux**, Paris, n. 139, p. 183- 218, 2006/5. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux-1-2006-5-page-183.htm?contenu=article>. Acesso em: 23 dez. 2022.

RESENDE, F. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 12, 2005, p. 85-102. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17387>. Acesso em: 01 nov. 2023.

RESENDE, F. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629>. Acesso em: 23 dez. 2022.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUSA, J. P. Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. II, n. 1, p. 73-92. 2005, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2090>. Acesso em: 23 dez. 2022.

TODO NOTÍCIAS. **Droga envenenada**: al menos siete muertos por consumir cocaína adulterada. YouTube, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5I53fuJ3-A>. Acesso em: 23 dez. 2022.

TRAQUINA, N. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

VERÓN, E. **Fragments de un tejido**. Barcelona: Editorial Gedisa. 2004.

VERÓN, E. **La semiosis social**: fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Editorial Gedisa, 1993.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 13-19, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143031143002>. Acesso em: 23 dez. 2022.